



«NÃO ENTREMOS EM GENERALIZAÇÕES, TEMOS MIGRANTES MUITO BEM INTEGRADOS»

Na sequência da polémica sobre as condições em que vivem muitos dos trabalhadores estrangeiros agrícolas em Odemira, Luís Mesquita Dias, presidente da AHSA – Associação dos Horticultores, Fruticultores e Floricultores dos Concelhos de Odemira e Aljezur, congratula-se com o acordo estabelecido com o Governo que permitirá licenciamentos mais rápidos para habitações de transição e adianta o avanço de estudos importantes promovidos pela associação que permitirão conhecer e actuar melhor sobre o território.

Ana Gomes Oliveira

Foi assinado um Memorando de Entendimento para a criação de condições habitacionais para trabalhadores agrícolas entre a AHSA, a Lusomorango, a Portugal Fresh e o Ministério da Agricultura. É um instrumento que vai ajudar a resolver o problema que se vive na região?

Sim, porque esta nova medida funciona em complemento

com a mudança da Resolução do Conselho de Ministros, que passará a ser muito mais simplificada no processo de licenciamento destas construções. No fundo, o que este Memorando faz é criar um entendimento entre nós e o Ministério da Agricultura no sentido de que os produtores desta zona (não todos naturalmente, mas aqueles que tiverem trabalhadores sazonais e tiverem área e possibilidade de o

fazer), construirão habitações de tipologia acordada e com todas as condições de dignidade e de conforto para que os sazonais sejam acomodados. Efectivamente, o número de sazonais traz um aumento muito grande da pressão urbanística sobre o concelho e ao longo dos anos não foram construídas habitações, nem para estes casos, nem para permanentes. No fundo, o que o Memorando estabelece é que nós, Associação de Produtores, em representação dos mesmos, comprometemo-nos, com o apoio do Governo, a investir nessas instalações... e estamos a falar de um investimento significativo da nossa parte. Essas instalações serão licenciadas de uma forma muito mais expedita, menos burocrática, e ao mesmo tempo, o Município e o Governo Central comprometem-se a acelerar a construção de novas habitações nos perímetros urbanos de maneira a que as outras possam ser transitórias. Tanto que vão ser aprovadas por um período de dez anos.

A AHSA estava preparada para fazer este investimento?

Alguns dos associados da AHSA estavam há algum tempo a pedir esta solução. Nesse sentido, sim, estávamos preparados. Agora, felizmente, depois de muito tempo à espera, e após muita frustração de projectos que estavam a tentar ser licenciados e que não vinham aprovados, temos a satisfação de perceber que o assunto parece ficar resolvido.

No âmbito da pandemia, a cerca sanitária imposta em duas freguesias de Odemira, que foi levantada ao fim de 15 dias, terá provocado prejuízos de milhões de euros em algumas empresas agrícolas devido às limitações da sua actividade. Como é que estas situações se encaram?

Essa é outra questão. Com grande dificuldade, as empresas vão ter de arcar com esses prejuízos. Não temos números certos, mas ao fim da primeira semana de cerca sanitária a estimativa de prejuízos já era de seis milhões de euros. Na segunda semana prevê-se que tenha sido superior, porque houve plantas que foram muito danificadas por não se ter feito a colheita e pelo apodrecimento dos frutos. É uma inevitabilidade. Neste momento o que os produtores querem é que os deixem trabalhar, que os deixem cumprir os seus compromissos comerciais e esperar que toda esta situação não afecte a reputação da região e do País enquanto produtor de grande qualidade que é, e merecidamente.

Ao que se refere exactamente quando diz “toda esta situação”?

Tanto à cerca sanitária, como ao mau nome da região e do País, que muita gente infelizmente se encarregou de enfatizar, e até de generalizar coisas que não eram generalizáveis.

Tomar conta do seu risco é da nossa natureza



Soluções à medida



Seguro de colheita



Cobertura de preço

A Atlas é uma MGA especializada no sector agrícola que desenha e entrega soluções adequadas às reais necessidades dos agricultores, no âmbito da gestão de risco da sua actividade.

Trabalhamos em parceria com Sompo International.
Saiba mais em www.atlasmga.com

Av. 5 de Outubro - 85, 1º - Lisboa
info@atlasmga.com - + 351 213 186 217



Atlas

AGRO INSURANCE MGA

Como conhecido defensor acérrimo da responsabilidade social e do respeito pelo capital humano, como foi ouvir e ler sobre as condições em que os trabalhadores migrantes vivem na região?

Há sempre uma diferença entre aquilo que pensamos, aquilo que suspeitamos que existe, e até o que denunciámos e chamamos a atenção, e entre vermos imagens a cores e ao vivo de algumas situações. Revolta-me que haja gente a viver assim e pessoas frágeis que foram exploradas desta forma. E aqui temos de dizer que essa exploração é em muitos casos feita por intermediários do país de origem desses trabalhadores, o que já por si é lamentável. Mas mais lamentável ainda, é haver senhorios que pactuam com isso e retiram lucros indevidos e excessivos. Não será a maioria, mas acontece. Provavelmente, muitos dos senhorios terão alugado as suas casas a esses intermediários por preços normais e a especulação é feita por esses intermediários que depois vão sobrelotando essas habitações. Portanto, estamos perante situações de polícia, criminais, que não podem ser toleradas. Têm de ser denunciadas e têm de ser punidas e banidas do nosso território. Daí que insistamos tanto com os nossos associados (que seguramente não pactuam com isto) para a importância de verificarem a qualidade e legitimidade das empresas prestadoras de serviço e de trabalho temporário que lhes batem à porta.



É uma vigilância que cabe a todos, é isso?

A todos. Sem dúvida. E a nós cabe-nos alertar os associados, sendo certo que, no universo das pessoas que trabalham connosco acreditamos que estas não se regem por esses princípios. Mas aprendemos sempre com estas situações e estamos a elaborar um Código de Conduta muito rígido que vai ser assinado por todos para que este compromisso seja ainda maior.

No site da AHSA há um vídeo intitulado “Encontro de culturas”, onde vários trabalhadores estrangeiros dão o seu testemunho sobre como é trabalhar na agricultura da região. Esse vídeo já estava disponível na vossa página antes desta polémica?

Já estava sim. Porque é um vídeo absolutamente verdadeiro que traduz a maior parte da realidade do território. Por isso é que nos choca tanto alguns comentadores e meios de comunicação ilustrarem os maus casos dando a entender que isso é regra. São as excepções. Infelizmente, mais do que as que deviam ser. Nenhuma devia existir. Mas a quantidade de casos bem sucedidos de integração a todos os níveis (cultural, familiar e social) é enorme. Só para dar um exemplo, a escola de São Teotónio tem 25 nacionalidades de crianças e todas estão lado a lado com as crianças portuguesas. Ninguém é marginalizado. Representa uma integração efectiva. O facto de ha-





Por amor à terra, entregue
as embalagens vazias
de produtos fitofarmacêuticos,
biocidas e de sementes num
Ponto de Retoma Valorfito®.

Faça como a Família Prudêncio®.
Deixe que o amor desça à sua terra
e cuide da Terra de todos nós.



Informe-se em www.valorfito.com
ou num Ponto de Retoma Valorfito.

R. General Ferreira Martins, nº 10 - 6º A . 1495-137 Algés
T. +351 214 107 209 // contacto.valorfito@sigeru.pt

www.valorfito.com

SIGERU . Sistema Integrado de Gestão de Embalagens
e Resíduos em Agricultura, Lda.



ver maus casos não legitima que digam que todo o território é assim. Não entremos em generalizações, porque temos migrantes muito bem integrados.

Quando assumiu funções como presidente da AHSA, em Janeiro de 2020, uma das metas que estabeleceu passava por fazer um diagnóstico aprofundado do estado do território. Sente que faltam dados para se poder actuar de forma mais assertiva?

Faltam muitos dados. Tanto que ainda antes desta situação, já tínhamos lançado um processo de identificação e definição de *briefing* para estudos que são necessários para se conhecer melhor a região e para se poder actuar sobre ela. Neste momento, com o auxílio do Ministério da Coesão Territorial, já temos assegurados fundos que nos permitirão fazer os estudos que consideramos importantes. São três: um sobre a água, outro sobre o território, na perspectiva do impacto da agroeconomia, e um terceiro sobre biodiversidade e paisagem. O da água é o que está numa fase mais avançada.

Relativamente aos recursos hídricos, são importantes investimentos nas infraestruturas no perímetro de Rega do Mira?

São muito importantes investimentos na modernização, na reparação de algumas partes dessa estrutura. A um ritmo maior ou menor, pode ser discutível, esse trabalho está sempre em curso por parte da Associação de Beneficiários do Mira. Mas aquilo que a AHSA tem chamado a atenção é para a importância de não olharmos para este tema de uma forma estática, tentando apenas reparar e manter aquilo que temos. Através da evolução que a tecnologia tem tido e com

o aumento da economia agrícola da região é preciso que se estudem formas de aproveitar melhor a água da barragem.

De que forma se conseguiria fazer isso?

A Barragem de Santa Clara foi concebida no final dos anos 60 numa altura em que era suposto funcionar só com gravidade. Estamos a falar de uma capacidade total de 480 milhões de metros cúbicos, com o chamado nível morto a 50%. Ao funcionar só por gravidade, só permite a utilização de metade da água. Defendemos que devem ser encontradas formas de extrair parte dessa outra metade. Estamos a falar de 240 milhões de metros cúbicos, uma capacidade maior do que várias barragens que existem em Portugal. Não podemos dar-nos ao luxo de deixar ali metade da capacidade (que em termos absolutos é muito volume) e dizermos que não temos água. Temos de fazer alguma coisa para extrair essa água, não toda obviamente, mas seguramente uns metros abaixo da cota que é hoje considerada como o nível morto.

Algum desses estudos, nomeadamente o que está mais ligado ao território, permitirá desmistificar a ideia de que a actividade agrícola no Sudoeste alentejano é feita à base de monoculturas, a dos pequenos frutos?

Sim. Esse é um dos aspectos que resulta, não apenas do peso e da qualidade que os frutos vermelhos têm na região, mas porque se criam de facto essas ideias. Há a percepção de que o Alentejo interior é só olival e também não é; e que o Sudoeste alentejano produz só pequenos frutos, e também não é verdade. No mínimo, identificamos facilmente entre dez a 12 culturas diferentes aqui na região e estes levantamentos vão pôr a nu a percentagem que cada uma das culturas ocupa no território, o contributo que têm no mesmo.... Pretendemos ter toda essa informação de forma rigorosa.

Assumiu a presidência da AHSA a meio do mandato, na sequência da saída de Nuno Pereira, terminando o mesmo em Março do próximo ano. Neste momento qual é a sua grande prioridade?

Na prática são duas. Uma é ajudar a concretizar no terreno a instalação das estruturas temporárias de habitação; e a outra é avançar com os estudos que referi, e que ainda exigem muito trabalho. São os dois grandes objectivos que esta Direcção tem. ●